

apenas uma questão do ponto de vista de seu interlocutor. Claro que houve e há violências contra as mulheres, mas vitimizá-las como se não houvesse resistências e lutas no processo de violência é, de fato, como assinala a autora, não contribuir para mudanças em nossa história.

Durante muito tempo as 'mulheres da floresta' estiveram 'invisíveis' na nossa história, agora podemos apreciá-las no enredo do cotidiano no

ciclo da borracha e sugiro que não nos esqueçamos de mostrar essas e outras peculiaridades quando se fizer a oportunidade de estarmos, quem sabe, em sala de aula ou em conversas informais, pois que apenas para ficarem na estante de nossa memória de nada servem ou só individualmente nos servem obras desse cunho.

KARLA LEONORA DAHSE NUNES ■

Menopausa: uma nova fase para mais conquistas

Da Contracultura à Menopausa.
Vivências e mitos da passagem

CIORNAI, Selma

São Paulo: Oficina de Textos, 1999

O livro de Selma Ciornei aparece num momento propício, não sendo apenas mais uma pesquisa sobre a sintomatologia do climatério, pesquisas essas que, como bem lembrou, passaram a aparecer com mais frequência na década de 90, pois até então "pouco ou nada era dito ou escrito em relação a esta fase tão importante da vida de uma mulher" (p. 30).

A autora, que fez parte da geração de mulheres que utilizou pela primeira vez a pílula anticoncepcional, chega à meia-idade imbuída do mesmo espírito contestador e comprometido. Embora não seja seu objetivo explícito, ela debate questões extremamente importantes que vão ao encontro da luta das mulheres, desde a discussão em torno da representação do corpo feminino, ainda ligada à capacidade procriativa, até a ampliação do conceito de saúde que englobe tanto a adolescente como a mulher de meia-idade. A questão de gênero percorre todo o texto: trabalhar com a menopausa! significa discutir o envelhecer na sociedade contemporânea, o lugar social das mulheres de mais idade e pensar que, além de estarem vivendo mais, querem viver melhor.

É possível dividir as pesquisas direcionadas especificamente à menopausa, que apareceram nesta última década, em três grupos distintos. Um primeiro, escrito² por médicos especialistas, ginecologistas ou endocrinologistas que descrevem os sintomas da menopausa e que, na maioria dos casos, acabam por prescrever a Terapia de Reposição Hormonal — TRH como a única saída, considerando a hormonoterapia enquanto a maior conquista na área da saúde da mulher. O segundo grupo, que chamo de auto-ajuda, defende terapias alternativas e considera a menopausa como uma fase de transição. Em vista disso, o período deve ser encarado como uma busca de equilíbrio. Já um terceiro grupo de trabalhos foi desenvolvido por mulheres que estão vivenciando ou vivenciaram a menopausa. Ao sentirem-se confusas e carentes de informação, resolvem tomar partido das mulheres de meia-idade. O livro *Passagem silenciosa: menopausa*³ da jornalista americana Gail Sheehy, encabeça esta lista.

Selma seguiu nesta direção, inovando ao direcionar suas entrevistas às mulheres que fizeram parte dos movimentos de contracultura dos anos 60 e 70 e que atualmente estão vivenciando a menopausa. Seu principal objetivo é investigar se estas mulheres apresentam formas de continuidade ou ruptura no que se refere ao modo pelo qual a sociedade percebe a mulher mais velha, a menopausa e o envelhecer. O instrumento teórico básico da autora é a Psicologia da Gestalt, desenvolvida na Arte Terapia Gestáltica que relaciona as experiências internas e a expressão plástica.

Publicado em 1999, o livro é resultado da tese de doutorado em Psicologia defendida em

1997 no Saybrook Institute. Selma construiu um texto cuja metodologia de pesquisa levou em consideração a sua prática gestalista com grupos ao organizar e analisar os *workshops* e as entrevistas realizadas no decorrer do trabalho. Já nas primeiras páginas, ao tratar da forma que a sociedade ocidental associa o climatério e a menopausa à velhice, mostrando como uma fase importante da vida das mulheres é ignorada pela mídia e por profissionais das áreas sociais e da saúde, a autora coloca-se na primeira pessoa, compartilhando com as entrevistadas um sentimento de desinformação, aliado a sentimentos de vergonha, solidão e inadequação a um período tão desprezado: "Pessoalmente, ao chegar aos meus 44, 45 anos, sentia-me afundando nestes sentimentos" (p. 20). O comentário da autora remete-nos a seu objetivo primeiro, ao entrevistar trinta mulheres entre os 43 e 57 anos, todas brasileiras, de nível universitário, de classe média e classe média alta. A autora também faz parte desse grupo, e como ressalta o título *Da contracultura à menopausa*, Selma procurou perceber a forma como esse segmento social de mulheres que, de alguma forma, participou dos movimentos alternativos e contestatórios dos anos 60 e 70, vivenciam hoje a menopausa.

Na primeira parte do texto, a partir da "Introdução", a autora direciona a problemática da pesquisa evidenciando a necessidade e a busca de uma nova mitologia da menopausa ou da criação desta. Segue num segundo momento fazendo uma "Revisão da literatura sobre o tema" — atendo-se aos sintomas, terapias alternativas e aos mais variados aspectos que estão relacionados à vida da mulher que atravessa o climatério e a menopausa. Por mais que o climatério seja indicado por uma série de mudanças típicas deste período, é importante observar a particularidade de cada mulher ao vivenciar esta fase. As tensões físicas e psicológicas são agravadas pela falta de informação e o descaso no que tange à saúde da mulher de mais idade. Em relação à TRH, tratamento à base de estrógeno, iniciado em 1966, e comumente prescrito às mulheres que chegam ao climatério, Selma destaca que a medicação ainda está envolta nas discussões entre os prós e os contras. Assim, a autora chama a atenção para a importância das mulheres estarem esclarecidas para que possam tomar decisões adequadas ou pelo menos conscientes em relação às questões que envolvem sua saúde numa etapa ainda tão pouco compreendida.

É preciso assinalar que a TRH, prescrita pela maioria dos médicos às mulheres que entram no

climatério, é um dos grandes filhos da indústria farmacêutica neste final de século XX, da mesma forma que foram os antibióticos no final da década de 40, os tranqüilizantes na década de 50 e a pílula anticoncepcional nos anos 60.

Selma destaca a preocupação de autoras feministas e do Movimento de Organização Nacional da Saúde da Mulher dos Estados Unidos, que criticam a noção de doença imputada ao climatério. A medicina tradicional no Ocidente define a menopausa como uma "deficiência hormonal". Logo, a TRH é indicada como a melhor, sendo a única saída de tratamento. O que está em questão é a forma como vivências especificamente femininas são tradicionalmente classificadas pela medicina e como "os mitos sobre menstruação e menopausa são uma forma de controle social, através do qual o sistema de assistência à saúde legítima o sexismo e o preconceito contra o idoso sob a máscara da ciência" (p. 55).

É nesta parte do texto que a autora ressalta a experiência única do climatério e da menopausa, evidenciando a amplitude de uma experiência feminina tão pouco compreendida, que vai além da esfera da ciência "pois é uma experiência onde a mitologia coletiva e o imaginário social misturam-se tanto às experiências como às mitologias pessoais de cada pessoa" (p. 65).

O terceiro capítulo é marcado pelos depoimentos sobre os movimentos de contracultura das décadas de 60 e 70. Através dos relatos foi possível constatar que a experiência nesses movimentos destacou participações diferenciadas, mas todas as entrevistadas, de alguma forma revelaram-se "contra" a cultura vigente, seja na militância política, no movimento estudantil, no movimento feminista. Selma, para evitar a fragmentação, reuniu os trechos que pareceram mais representativos da época, revelando as angústias, embates e a força de uma geração que contestou a ordem institucionalizada: "A gente queria um mundo melhor, queria mudá-lo com nossas mãos! Era um sonho. Com todas as desgraças que aconteceram, tinha muita solidariedade, cooperação e cumplicidade entre a gente" (Nira) (p. 73). Além do relato de uma época marcada pela contestação por um mundo mais justo, as entrevistas evidenciam a especificidade de um Brasil afligido pelas mazelas da ditadura.

É na década de 60 que a pílula anticoncepcional é introduzida no mercado brasileiro e seu uso está intimamente ligado à luta pela liberação sexual, do sexo por prazer. As falas

revelam dilemas enfrentados por essa geração de mulheres: de casar virgem, de usar a pílula, de transar, de engravidar ou resolver fazer o aborto.

Selma afirma que a razão dos movimentos de contestação, em especial o feminista, não haverem discutido a questão da mulher de meia-idade foi o fato de que as feministas eram jovens e que suas motivações seriam outras. Todavia, são várias as passagens em que as entrevistadas recorrem às experiências vivenciadas por suas mães, no papel de testemunhas: "não sinto aquelas aflições, aquele desespero que acompanhei em minhas irmãs e cunhadas, e até mesmo na minha mãe" (Elisa) (p. 87). Selma reservou uma parte de seu texto a esta temática específica: "Memórias da menopausa materna".

Acredito que a menopausa não foi motivo de discussão em momentos anteriores porque os tabus e os preconceitos eram ainda mais densos e o silêncio ainda mais surdo. Trinta anos depois dos movimentos de contracultura, quando a população feminina com mais de 50 anos representa 50% da população mundial, quando estamos vivendo bem mais, temas referentes ao climatério e à menopausa ainda não passaram a ser a tônica do movimento feminista ou a bandeira de conselhos ou associações que ainda privilegiam as passagens ligadas a fases reprodutivas da vida da mulher: o caminho para a mudança deve partir de cada mulher. O estudo de Selma mostra a necessidade de recriar uma nova mitologia, uma mitologia positiva acerca do climatério e da menopausa.

Nos capítulos seguintes a autora desenvolveu a problemática do livro, revelando um trabalho cuidadoso e carregado de sensibilidade. Neles as entrevistadas descrevem suas experiências atuais acerca do climatério e da menopausa*** e, ao mesmo tempo, essa parte do texto tem uma ligação direta com a primeira, só que agora acrescida das vivências dos participantes. Essa geração de mulheres, hoje na faixa dos 40/50 anos, trazem à tona questões que dizem respeito ao descaso em relação à saúde da mulher de meia-idade, ao descrever suas peregrinações a médicos das mais variadas especialidades, terapeutas que na maioria das vezes não associam as perturbações físicas e emocionais à questão hormonal. O descaso da área médica revela-nos a que ponto informações que dizem respeito ao climatério e à menopausa chegam até o grande público. As próprias mulheres que atravessam o período não relacionam suas alterações físicas e certos estados emocionais ao climatério. Logo, o espaço aberto por Selma nos *workshops* e entrevistas revelou-se também como o espaço da descoberta, da troca

de experiências, da cumplicidade.

Em "Fenomenologia da passagem" a autora classificou em tópicos os sintomas relacionados à fase do climatério e da menopausa, descrevendo as mudanças físicas e emocionais e a busca de assistência médica, levando em consideração as experiências das entrevistadas. É importante destacar que algumas mulheres foram entrevistadas em intervalos distintos, contactadas um ano e meio depois do primeiro relato; nisso foi possível perceber a mudança de sentimentos "o que me fez considerar a importância do momento, do fator temporal neste processo" (p. 153-4). As falas destas mulheres demonstram a forma como as questões de saúde da mulher de meia-idade são evidenciadas e a necessidade de uma política de valorização da mulher pós-ciclo reprodutivo, que tome a mulher em sua integridade.

Em "Mitologia da passagem", a autora segue procurando perceber se a experiência contestatória trouxe às entrevistadas uma outra percepção, numa sociedade que atribui todo um conjunto de valores negativos à mulher mais velha. O texto foi dividido em duas partes distintas, primeiramente mostrando os mitos coletivos sobre a mulher mais velha que perpassam os depoimentos e numa segunda parte, destacando os mitos e valores do movimento de contracultura, os quais persistem e que aparecem nítidos nos depoimentos, abrangendo todo o trabalho. Fica latente nas falas que o climatério é encarado como um momento de perda: perda dos atributos femininos, perda da sexualidade, fim da vida.

Cabe aqui refletir sobre as representações femininas acerca da beleza e do funcionamento do útero e como essas imagens estão introjetadas em todas as mulheres. Assim, o envelhecer é visto como o prelúdio do fim: "Ser velha aqui no Brasil não é fácil. A gente não vê velho na rua. (...) Aqui é difícil a gente ir a festas, teatros, lugares públicos em geral, ou mesmo a reuniões profissionais, congressos, etc., e encontrar gente que seja mais velha. Eu sou sempre a geração mais velha nestes lugares! (...) A gente como mulher madura é muito mal pensada e tratada aqui. Então não é fácil aceitar que a gente está se encaminhando pra velhice" (Vera) (p. 172-3).

Nos outros capítulos que encerram o trabalho, a autora utiliza sua experiência em arte terapia gestáltica, lidando com a linguagem verbal, plástica e poética. As entrevistadas, que podem ser consideradas autoras coadjuvantes, exprimem através de formas e versos suas fragilidades e toda emoção que o verbo não abarca. Como na interpretação que Inês fez de seu trabalho:

Hoje eu quero ser inteira, unii o que faltava,
Assumir o que era negado, sentir,
Agir sem hierarquias.
Permitir o prazer sem sublimações
Resgatar a chama abafada pelo poder da
razão (p. 188).

As mulheres entrevistadas e a própria Selma evidenciaram a necessidade de reacender as chamas e crenças da juventude, estendendo-as para o agora. A unicidade de muitos relatos aponta para a questão primordial, ou seja, o climatério e a menopausa necessitam de uma nova mitologia sobre a passagem, a mulher de meia-idade e o envelhecer. E esta geração de mulheres e demais profissionais possui esse papel transformador, exigindo de médicos e terapeutas o respeito e o direito de serem ouvidas, e essa fala deve ultrapassar a dimensão física do consultório para

que possamos desnudar todo preconceito e vergonha que ainda encobrem esse momento de passagem.

1. A menopausa é uma das fases do climatério, mas o termo menopausa é usado de forma ampla e o uso corrente entre médicos e a população deu-lhes o mesmo significado.

2. A propósito, devo salientar que boa parte das pesquisas desenvolvidas por especialistas da área médica não atingem o grande público, esses textos são encontrados apenas em espaços específicos como a *REBEG* (Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia) ou o *JBG* (Jornal Brasileiro de Ginecologia).

3. SHEEHY, Gail. *A passagem silenciosa: menopausa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995 (primeira publicação americana em 1991).

PATRICIA DE FREITAS ■

Do cotidiano da escola mista ao ideal de co-educação

La mixité à l'école primaire

ZAIDMAN, Claude

Paris, L'Harmattan, 1996, 236p.

Parte de coleção intitulada Biblioteca do Feminismo, o livro de Claude Zaidman, *La mixité à l'école primaire*, ou numa tradução livre, *A escola primária mista*, é uma publicação de nacionalidade francesa realizada no âmbito do CEDREF (Centro de ensino, documentação e pesquisa de estudos feministas da Universidade Paris 7) e apoiada pela Associação Nacional de Estudos Feministas (ANEF). O livro é resultante de pesquisa¹ que incluiu três escolas de Paris e da Grande Paris, constando de observações e filmagens das relações entre meninas e meninas, professores/as e alunos/as em vários ambientes e atividades escolares, como as atividades em sala de aula e no pátio de recreação ¼ momentos

que se opõem, pois o pátio, ao contrário da sala de aula, não é pautado por objetivos pedagógicos e não conta com o direcionamento da professora, como o recreio nas escolas brasileiras.

Mais do que a questão do sucesso ou do fracasso escolar, já tradicional nas abordagens francesas da sociologia da educação, o ponto central do estudo realizado por Zaidman é o sistema de relações que se estabelece na escola, os indivíduos como membros da instituição (e não apenas a avaliação de suas competências e atitudes) e as práticas no interior da escola. Por essa razão, essa pesquisa empírica não tem por objetivo provar que a escola é ou não sexista ou que beneficia mais meninas ou meninos, mas objetiva analisar como a escola é permeada por ideologias relativas às diferenças de sexo; como tais diferenças, sob a forma de representações, conformam a prática profissional; e como a escola constrói um espaço particular de re-significação dos comportamentos sexuais. O essencial para a autora é saber como a 'mistura' de meninas e meninos e vivências em grupos prepara para a vida social.

Assim, Zaidman critica a relação reafirmada de vários modos entre as diferenças de